

NIETZSCHE, UM FILÓLOGO CRÍTICO DA FILOLOGIA

[NIETZSCHE, A CRITICAL PHILOLOGIST OF PHILOLOGY]

Martha Solange Perrusi

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

RESUMO: Pretendemos, neste artigo, investigar o período filológico, em especial a aula inaugural de quando Nietzsche se tornou professor na Basileia, *Homero e a filologia clássica*, de 1869, em que o filósofo pontua o modo como vê a filologia e seus desafios: uma ciência que precisa da arte, da ciência natural, da história e, sobretudo, da filosofia. Além disso, pretendemos compreender o problema de uma fidelidade ao texto, requerida pela filologia, e a possibilidade de múltiplas interpretações. De um lado, a postura filológica torna o texto o mais importante, embora o texto já seja texto e não realidade última ou coisa em si; de outro lado, há de se ter algum critério com as interpretações.

PALAVRAS-CHAVE: filologia; método; Nietzsche

ABSTRACT: In this article we intend to investigate the philological period, in particular the inaugural class when Nietzsche became a teacher in Basel, *Homer and the Classical Philology*, 1869, in which the philosopher punctuates the way he sees philology and its challenges: a science that needs art, natural science, history and, above all, philosophy. In addition, we intend to understand the problem of a fidelity to the text required by philology, and the possibility of multiple interpretations. On the one hand, the philological stance makes the text the most important, although the text is already text and not ultimate reality or thing in itself; on the other hand, there must be some criterion with the interpretations.

KEYWORDS: philology, method, Nietzsche

Nietzsche, ainda estudante de filologia, procurava, desde 1867, um estilo próprio, diferente dos escritos científicos-filológicos, inclusive diferente dos textos que ele já escrevera até esse período. Ele pretendia opor-se à exposição científica da filologia e “escrever como se estivesse improvisando ao piano” (MACHADO, 2005, p. 13). Na aula inaugural da sua docência, na Universidade de Basileia, em 1869, proferiu a conferência *Homero e a filologia clássica*. Nessa preleção, Nietzsche procurou mostrar que a Filologia, enquanto disciplina, não seria apenas ciência, mas um pouco de história, de ciência natural e de estética.

Para Nietzsche, poder-se-ia considerar a filologia como história porque procuraria compreender uma espécie de lei no fluxo dos fenômenos e, também, porque contemplaria o passado como espelho exemplar para os tempos modernos. Vê-la como ciência natural, seria porque Nietzsche pretenderia ampliar o espectro de “ciência da

* Professora do Curso de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, Doutora em Ciências da Linguagem (UNICAP), Mestre em Filosofia (UFPE). E-mail: marthaperrusi@uol.com.br

antiguidade”, de modo que se tratasse “de indagar sobre o instinto mais profundo do homem, o instinto da linguagem” (HFC, p. 220). Finalmente, poder-se-ia percebê-la como estética, pois, por pretender estudar a antiguidade clássica como um espelho exemplar, a filologia, para Nietzsche, ocultaria em si um caráter eminentemente artístico negligenciado por sua atitude estritamente científica.

Nessa perspectiva, para Nietzsche:

Se assumimos uma atitude científica a respeito da Antiguidade, podemos compreender o passado com os olhos do historiador, ou rubricar as obras principais da Antiguidade segundo o modo naturalista, comparando-as e, eventualmente, reduzindo-as a leis morfológicas; em todo caso, perdemos a maravilhosa força criadora, assim como o verdadeiro perfume da atmosfera antiga, esquecemos essa nostálgica emoção que, como o mais belo cocheiro, conduz nossos sentidos e nossos pensamentos aos gregos com a força do instinto” (HFC, p. 221).

Desse modo, Nietzsche não conceberia a filologia como uma ciência autônoma, ela deveria ter um caráter pedagógico e estabelecer o diálogo os saberes já mencionados. Além disso, até o momento, a filologia ter-se-ia concentrado apenas no conhecer e carecia, também, viver a vida e, na visão do Nietzsche já desde essa época, a filosofia é que faria essa união entre pensamento e vida: “a vida é digna de ser vivida, diz a arte, a sedutora mais bela; a vida é digna de ser conhecida, diz a ciência” (HFC, p. 221).

Em outras palavras, apenas o âmbito universitário estrito não era suficiente. Era preciso, também, não dissociar o que se estudava da vida, e Nietzsche tentou levar isso a seus alunos; “pretendia, isso sim, incentivá-los a um olhar singular sobre determinada ciência, conduzi-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida” (DIAS, 1993, p. 26).

A filosofia daria uma unidade conceitual para a multidisciplinaridade que Nietzsche sugeria à filologia¹. É assim que Nietzsche conclui a conferência invertendo a frase de Sêneca: “*philosophia facta est quae philologia fuit*” (HFC, p. 231)², dando a entender que a atividade filológica precisa da filosofia, em especial, de uma visão filosófica do mundo. A filologia, portanto, deveria estar a serviço dessa compreensão de mundo filosófica, isto é, comportaria elementos particulares que seriam compreendidos à luz da unidade da compreensão de mundo – filosófica.

Esse interesse de Nietzsche pela filosofia vai crescendo até a elaboração de *O Nascimento da tragédia* [1872], quando pleiteia uma cátedra de filosofia na universidade. Nessa época, Nietzsche confessa que estudar filologia lhe era interessante pelo que podia descobrir para a história da filosofia (MACHADO, 2005, p. 15).

Como filólogo, seus cursos abordavam temas filosóficos, entre eles, o curso *Sobre as fontes de Diógenes Laércio* [1868]. Além dos estudos filológicos da filosofia antiga, Nietzsche se dedicara à leitura de Schopenhauer e Kant. Nietzsche não vai conseguir a cátedra de filosofia, mas seu interesse pela disciplina continuou crescendo e foi o que o levou a escrever *O Nascimento da tragédia* e, à mesma época, produzir outros textos filológicos de temática filosófica, como *Os filósofos pré-platônicos* [1872], o *Curso de retórica* [1872], e *Introdução à Retórica de Aristóteles* [1874-75].

No entanto, a recepção de *O Nascimento da tragédia* entre os filólogos foi péssima³. Apesar disso, a obra suscitou um grande debate entre “a relação entre ciência, arte e filosofia ou mais precisamente entre filologia, música e filosofia” (MACHADO, 2005, p. 31). A péssima recepção do livro no meio filológico se deu, sobretudo, porque Nietzsche rompia com os métodos da filologia como ciência, isto é, Nietzsche mostrava limites da filologia⁴.

Para Roberto Machado, o grande problema foi que “os filólogos não puderam suportar que sua ciência fosse submetida a objetivos filosóficos, reduzida a um instrumento para a exposição de um pensamento filosófico sobre a vida” (MACHADO, 2005, p. 34).

O efeito colateral dessa polêmica para a vida acadêmica de Nietzsche foi a perda de credibilidade entre seus colegas e consequente perda de alunos, apenas dois estudantes se inscreveram para seu *Curso de retórica* [1872] logo após a deflagração da polêmica.

Embora, nesse episódio, já esteja traçado seu interesse pela filosofia, podemos ver que ela permanece com Nietzsche como um método que permanecerá com Nietzsche para enveredar pela filosofia. Como diz Scarlett Marton, “sua formação em Filologia clássica sempre se fará sentir como um recurso metodológico em seu trabalho” (2014, p. 17).

Em Nietzsche, como vimos, pode-se compreender a filologia em pelo menos dois aspectos. O primeiro, como ciência da antiguidade, em que seus contemporâneos se voltam para compreensão de questões da antiguidade, ou seja, não tratava apenas de um trabalho voltado para a linguagem, mas, a partir da linguagem, de compreensão da cultura. Charles Andler (2016, p. 237) pontua que os alemães chamavam de filólogos os professores de Letras dos ginásios e da universidade, enquanto os franceses consideravam filólogos apenas quem se dedicava “aos estudos de linguística e à preparação de documentos”, havia, pois, um teor mais “humanista” à tal ciência da linguagem, entre os alemães.⁵

Para entender a filologia, o estudo das línguas clássicas deveria ser efetuado situando o contexto de sua época. Nietzsche seria contra uma visão mecânica dos estudos filológicos e, além disso, proporia uma espécie de recuperação da inspiração grega da arte para os modernos. Ou seja, nesse sentido, a filologia não seria só um estudo do passado, mas favoreceria uma visão de cultura elevada, isto é, Nietzsche enfatizaria aqui o caráter pedagógico e formativo da filologia. É preciso reforçar que não se trata simplesmente de uma volta aos gregos, mas que essa dedicação aos antigos se revelaria importante para pensar o mundo moderno.

O segundo aspecto, como um conceito próprio de sua filosofia, pode ser compreendido inclusive como procedimento, implicando a arte da boa leitura. É a essa compreensão que Nietzsche retorna várias vezes em suas obras, nos textos de juventude, como nos prefácios aos livros não escritos, ou nas obras tardias, como *Anticristo* e *Ecce Homo*. “Por filologia entenda-se aqui, em sentido bastante geral, a arte de ler bem – ser capaz de ler fatos *sem* falseá-los com interpretações, *sem* perder a cautela, paciência, a finura no anseio de compreensão” (AC, §52, p. 63). É preciso ter em mente que Nietzsche não se refere apenas a texto⁶ – escrito – mas, também, refere-se à efetividade.

Nessa passagem, em particular, Nietzsche está se referindo aos teólogos, que seriam maus filólogos, porque não veem o problema com distância e ainda encontram o que querem encontrar, mesmo que não esteja dado, daí o “falsear com interpretações”. É preciso reforçar aqui que Nietzsche, em um texto tardio, coloca como significativo que ler bem é ler o texto e não colocar no texto o que não está lá. Texto, portanto, pode ser muito mais do que escritura; ler o mundo, ler a efetividade, também pleitearia esse jogo entre filologia e interpretação.

A nosso ver, trata-se de assumir uma posição honesta, no sentido filológico, com o texto, precisa-se ir à letra do texto, mas, como nosso autor comenta, se mantivermos nossa “formação”, poderíamos provocar, na leitura, uma espécie de anacronismo, em que levaríamos nossa cultura, nosso contexto, nossos problemas para um texto de outra

época ou mesmo colocaríamos inferências próximas de nossa época e formação, contudo estranhas ao autor estudado.

Não que isso nos impeça de fazer uma leitura de nossa época a partir de referenciais teóricos de autores mais antigos, não é esse o problema. O que precisamos evitar é colocarmos nossa posição e formação como chave de leitura de um texto situado. No texto nietzschiano, diríamos tratar-se de, a partir de um distanciamento, aproximar-se e distanciar-se, como o replicar de sinos, que são percebidos à distância, mas que provocam sensações distintas dependendo de nossa posição. Esse depender da posição seria como vários modos de perceber uma mesma situação ou proposição, todas elas, possibilidades de um discurso multifacetado, como é o discurso nietzschiano.

Podemos dizer que o texto de Nietzsche abre um caminho para uma pluralidade de interpretações, mas, também, que algumas portas são fechadas – uma delas, o discurso totalitário, por exemplo. Esse tipo de discurso é excludente de todos os outros discursos, pretende-se único e unívoco. A escrita de Nietzsche, contudo, não nos autorizaria qualquer caminho, aliás, essa seria a “mais importante exigência” para o leitor, “que ele não se intrometa de modo algum, à maneira do homem moderno, e não traga para a leitura a sua ‘formação’, algo como uma medida, como se com isso possuísse um critério para todas as coisas” (CP, §3, p. 39).

De todo modo, esse procedimento nos conduziria a uma confiança na condução do discurso do escritor. Essa postura de total confiança produziria um contato maior com a obra, o julgamento não procederia de valores estranhos ao autor. Geralmente, nossos olhos estão embaçados pela nossa época, pela nossa cultura, pela nossa formação, e o que Nietzsche propõe, recuperando sua história como filólogo, é que nos liberemos desses entraves e preconceitos, para ver com múltiplos olhos sem que isso seja direcionado por um critério determinado alheio ao texto.

Uma outra seção bem expressiva nos dá o problema que o filólogo tem em mãos: “quem vê pouco, vê sempre menos, quem ouve mal, ouve sempre algo mais” (HH, §544, p. 276). O filólogo, se não tem a calma, a lentidão, a paciência, que seu trabalho exige, vê pouco e verá cada vez menos; no texto verá tão somente seus preconceitos. No entanto, se ouve mal, termina por ouvir o que não está presente ali, talvez, por falta de cuidado, pressa ou ingenuidade. De qualquer modo, o rigor e a exigência são notáveis. Wotling, confirmando esse significado, diz-nos que a falta de filologia é, portanto, uma das críticas que Nietzsche mais frequentemente endereça aos filósofos. Trata-se do erro metodológico (...) que consiste em introduzir no texto a ser decifrado elementos que dele não constam, interpretações acrescentadas a partir das quais a decifração é feita – verdadeira vontade de não ler. (2011, p. 39)

Essa questão é bem interessante porque, se de um lado Nietzsche diz que falta filologia aos filósofos, porque lhes falta o método minucioso, o olhar por trás das coisas, o sentido histórico, o pendor artístico, que deveria estar presente na filologia tal como Nietzsche a vê; por outro lado, falta aos filólogos a concepção filosófica, o olhar para a frente, o ver o fenômeno particular pertencente a um contexto. Enfim, a filosofia, para Nietzsche se colocaria como o fim a que serviria a filologia.

Assim é que a filologia passa a ser, de um lado, questão necessária para uma boa leitura e interpretação dos textos, mas que, se tomada somente nesse aspecto, terminaria por se caracterizar apenas por erudição. A filologia, portanto, demandaria rigor, mas, se se atém apenas a ela, o filólogo termina sendo um repetidor⁷ – e não faltam críticas de Nietzsche à filologia como acúmulo do saber, como erudição.

O erudito que no fundo não faz senão “revirar” livros – o filólogo uns duzentos

por dia, em cálculo modesto – acaba por perder totalmente a faculdade de pensar por si. Se não revira, não pensa. Ele *responde* a um estímulo (– a um pensamento lido), quando pensa – por fim reage somente. O erudito dedica sua inteira energia ao aprovar e reprovar, à crítica ao já pensado – ele próprio já não pensa... (EH, Porque sou tão inteligente, §8, p. 47)

Nietzsche considera que o bom leitor precisa passar, também, pela erudição, inclusive, ele próprio, em determinado momento, se viu como erudito. No entanto, diferentemente, não teria sido apenas um erudito, mas muitos outros:

Considerando que naquele tempo meu ofício era o de erudito, e talvez que eu *entendia* do meu ofício, não é sem significância um acre fragmento de psicologia do erudito que aparece subitamente nesse trabalho: ele exprime meu *sentimento de distância*, a profunda segurança sobre o que em mim pode ser *tarefa* ou apenas meio, entreto e ocupação secundária. É inteligência minha haver sido muitas coisas em muitos lugares, para poder tornar-me *um* – para poder alcançar *uma* coisa. Por um tempo eu *tive* de ser também erudito. (EH, As extemporâneas, §3, p. 71)

Essa mesma imagem está presente na segunda parte do *Assim Falava Zarathustra*, no discurso “Dos Eruditos”. O personagem Zarathustra, nessa seção, transpõe claramente traços autobiográficos do nosso autor, Nietzsche, que havia se despedido da cátedra de filologia e não encontrava mais interlocutores na área, em sua época:

saí da casa dos doutos; e, além do mais bati a porta atrás de mim. Por tempo demais minha alma esteve sentada à sua mesa; não fui como eles, treinado para conhecer como se treina para quebrar nozes. Amo a liberdade e o ar sobre a terra fresca; prefiro dormir sobre peles de bois do que sobre seus títulos e dignidades. Sou demasiado aquecido e queimado por meus próprios pensamentos: muitas vezes isso me tira o fôlego. Tenho de sair ao ar livre, longe de todos os quartos empoeirados. Mas eles se acham friamente sentados na fria sombra: querem ser apenas espectadores em tudo (...) Como os que ficam parados na rua e olham boquiabertos para a gente que passa: assim aguardam eles também, e olhando boquiabertos para os pensamentos que outros pensaram. (ZA, II, Dos Eruditos, p. 119)

Essa passagem relativa à experiência produz dois sentidos relevantes: o primeiro, de aparentar o leitor a ele, o escritor, o que os ligaria seria a experiência, e o segundo sentido seria a relação empírica entre o que se sabe e o que se vive. O saber não seria apenas acúmulo de conhecimento ou erudição.

Desde seus escritos de juventude até os últimos livros publicados, a preocupação de Nietzsche com o ler e escrever aparece com intensidade. Sua profissão de filólogo é, muitas vezes, descrita, como dissemos, como a arte da boa leitura, ou mesmo como um procedimento esperado de seus leitores. Há uma espécie de “contrato” com seu leitor, com aqueles leitores que escolhem seguir seus conselhos para uma boa leitura.

Em 1872, Nietzsche reuniu cinco textos que seriam cinco prefácios a livros que não chegaram a ser escritos e os enviou a Cosima Wagner. Três dos cinco prefácios colocam a questão da antiguidade como conteúdo relevante (excetuam-se o primeiro, *Sobre o pathos da verdade*, que dialoga com *Sobre verdade e mentira no Sentido extramoral*; e o quarto, *A relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã*, que discute com a II Consideração Intempestiva, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*). No segundo prefácio, *Pensamentos sobre o futuro de nossos institutos de formação*, Nietzsche expõe sua inquietação com a educação alemã, sua contemporânea e diz o que espera de seus leitores, reivindica uma espécie de leitura que

não seja apenas receptiva ou passiva ou apressada. Essa mesma preocupação reaparecerá em textos posteriores, como Prólogo a *Aurora*, *Gaia ciência* e *Genealogia da moral*, ou seja, tal tema está presente tanto nas obras de juventude, quanto nas obras mais tardias.

O leitor de que espero alguma coisa deve ter três qualidades. Deve ser calmo e ler sem pressa. Não deve intrometer-se, nem trazer para a leitura a sua ‘formação’. Por fim, não pode esperar na conclusão, como um tipo de resultado, novos tabelamentos. (CP, 4, p. 37)

Na primeira qualidade que Nietzsche destaca, a calma e a lentidão, o autor propõe uma volta à antiguidade clássica porque a sua época está comprometida por uma “pressa vertiginosa”, em que, por exemplo, o ditado popular “tempo é dinheiro” seria prenhe de adesão tanto àquela época, como atualmente. Leitores calmos teriam tempo, não se submeteriam à roda viva da modernidade. Haveria um desejo de encontrar leitores que ajam como filólogos. Na percepção de Marton (2018, p. 12), “seu desejo revela a maneira pela qual concebe o empreendimento filosófico.”

Uma pessoa calma conseguiria ler nas entrelinhas e ainda esbanjaria reflexão sobre a leitura, mesmo sem ter “tarefas” a produzir como resultado. O caminho do leitor, contudo, não seria solitário – a proposta seria caminhar com o autor, como dá a entender a forma como Nietzsche escreve, inclusive em metas que o autor mesmo não conseguiria vislumbrar. No Prólogo [1886] de *Humano demasiado humano*, seção §2, Nietzsche diz que “inventou” os “espíritos livres” porque precisava de companhia, isto é, o reverso também é verdadeiro, o autor precisaria de leitores, contudo leitores seletos que, se não existem, poderiam ser criados, ainda que ficticiamente⁸.

Ora, um leitor apressado, diz Nietzsche, “não chegou a entender nem o autor nem o problema propriamente dito” (CP, 4, p. 39). Nesse trecho, parece haver uma intenção de selecionar os leitores (aliás, já são muito poucos os que se dedicam à leitura em tais moldes) que teriam a possibilidade de dialogar com o autor. Há a possibilidade de leitores se sentirem excluídos, muitas vezes por conta de seu estilo breve e conciso, como no caso da fase aforismática, mas, também, por conta de seu estilo metafórico e alegórico. De fato, ao mesmo tempo em que é uma leitura sedutora, não é de fácil acesso. Um estilo assim exige, também, do autor um lento trabalho anterior, tanto que ao apresentar *Aurora*, na última seção do Prólogo [1886], Nietzsche diz que “ambos somos amigos do *lento*, tanto eu como meu livro” (A, Pr, §5, p. 14).

A lentidão na leitura, Nietzsche deixa claro em *Aurora*, dá-se por conta de seu histórico com a filologia: “não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura: – afinal, também escrevemos lentamente” (A, Pr, §5, p. 14). Eis uma questão interessante na filosofia de Nietzsche: ele considera que o leitor deve ter uma postura de lentidão na leitura, do mesmo modo que ele. O leitor também precisaria de uma postura filológica. No entanto, a exposição de seus escritos é breve e concisa, como um “banho frio”: “entrando rapidamente e saindo rapidamente” (GC, §381, p. 63).

A água fria não impede a profundidade, diz-nos Nietzsche. Aliás, só seria um obstáculo para profundidade aos “inimigos da água fria”. Não é porque o discurso é exposto brevemente que ele é superficial. Isso nos conduz a concluir que, apesar da característica breve dos aforismos, eles foram extensamente trabalhados até vir a lume, como ele descreve na seção “Contra os que censuram a brevidade”:

Algo que é dito brevemente pode ser produto e colheita de muito que foi longamente pensado: mas o leitor, que nesse campo é novato e ainda não refletiu sobre isso, vê em tudo que é dito brevemente algo embrionário, não sem um gesto

de censura para o autor, por servir-lhe como refeição algo assim tão verde e imaturo (OS, §127, p. 63).

Nietzsche, então, espera que seu leitor tenha uma relação dialógica com o que lê, que ele não espere do texto um resultado, ou uma receita, ou uma doutrina, ou uma prescrição, posto que uma leitura, nesses moldes, trataria o texto de um modo superficial e pouco refletido.

Assim, o filósofo daria “instruções” de como ser lido em um trecho da seção 3 do *Ecce Homo*, “Porque escrevo tão bons livros”, excluído da versão final:

Meus escritos dão trabalho – espero que isso não seja uma objeção contra eles!... Para se compreender a linguagem mais concisa jamais falada por um filósofo – e, além disso, a mais pobre em clichês, a mais viva, a mais artística – é preciso seguir o procedimento *oposto* ao que normalmente pede a literatura filosófica. Esta é preciso *condensar*; de outro modo estraga-se o estômago; – a mim é preciso diluir, tornar líquido, acrescentar água: de outro modo estraga-se o estômago. – O silêncio é em mim tão instintivo como nos senhores filósofos a garrulice. Eu sou *breve*: meus leitores mesmos devem fazer-se extensos, volumosos, para trazer à tona e juntar tudo o que foi por mim pensado, e pensado até o fundo. – Há, por outro lado, pressupostos para aqui se ‘compreender’, à altura dos quais estão poucos e raros: é preciso saber pôr um problema no seu justo lugar, isto é, em relação com os problemas a ele atinentes – e para isso é preciso ter ao alcance a topografia dos recantos e áreas difíceis de ciências inteiras, e sobretudo da própria filosofia. – Afinal falo apenas do vivido, não somente do ‘pensado’; a oposição pensamento / vida não existe em mim. Minha ‘teoria’ cresce de minha ‘prática’ – oh, de uma prática nada inócua, nada anódina.⁹

Ou seja, explicitamente, Nietzsche coloca todo o seu processo de pensamento e diz como os leitores devem se relacionar com o que leem. Enquanto a leitura dos demais filósofos, em geral, exige que seus escritos sejam condensados, os textos de Nietzsche precisam ser desdobrados, revirados, comentados, interpretados. Na *Genealogia da Moral*, um aforismo, inspirador da terceira dissertação, resultou em 28 seções de interpretação por exemplo. Nietzsche, por conseguinte, estaria selecionando leitores exigentes.

Um leitor desatento julgaria que há muito pouco a ser lido, mas, para Nietzsche, ele estaria vendo pouco, como um míope, como aqueles que julgam “que é uma obra aos pedaços somente porque lhes é oferecida (e tem de ser) em pedaços”¹⁰. (OS, §128, p. 63) Essa imagem de míope, presente na seção 128, é interessante porque dá a indicação de uma pessoa que vê pouco, vê com limitação. O que julgamos perceber no pensamento nietzschiano, ao contrário, daria margem para muitos pontos de vista, em que é possível se ver mais do que o que está “às claras”. Entender literal ou definitivamente os escritos de Nietzsche seria uma espécie de defeito de visão, uma vez que a filologia

não termina facilmente com algo, ela ensina a ler *bem*, ou seja, lenta e profundamente, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados... Meus pacientes e amigos, este livro deseja apenas leitores e filólogos perfeitos: *aprendam a ler-me bem!* (A, Pr, §5, p. 14).

Ressaltamos dessa passagem – que pretende indicar como Nietzsche deseja ser lido (“aprendam a ler-me bem!”) – que se pode identificar essa arte da boa leitura com a filologia. Ou, pelo menos, com aquilo que Nietzsche via na filologia e que pretendia manter no seu percurso filosófico, isto é, flexibilidade de visão e pensamento, atenção,

profundidade e abertura, uma volta recorrente ao texto, uma leitura lenta, detida, atenta aos detalhes, profunda, que lê nas entrelinhas e percebe as sutilezas.

Como vimos, Nietzsche se refere à filologia desde seus textos de juventude, até os mais tardios, ou seja, podemos reconhecer aí uma indicação de um método de leitura (até porque ele mesmo sugere que a leitura seja feita nesses termos). De um lado, o leitor – que aprende com a filologia – está diante de um texto com portas abertas; de outro lado, a escolha do estilo “proíbe a entrada” daquele que não age filologicamente.

O leitor filólogo, “além de pesquisador especializado, deve, em certa medida ter alma de artista. A ele cabe a paciente tarefa de reconstruir os textos, recuperar os documentos, resgatar o que ficou enterrado sob os barbarismos dos copistas.” (MARTON, 2018, p. 10). No entanto, essas indicações não se apresentam como preceitos a serem seguidos; nem mesmo, ater-se a elas seria suficiente para uma abordagem metodológica do autor. A filologia, como disse o professor Nietzsche em sua aula inaugural, não seria apenas esse trabalho de escavar o que está enterrado (como a toupeira de *Aurora*), mas precisaria da arte e da filosofia.

REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (BM)
- NIETZSCHE, F. *O anticristo*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (AC)
- NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (A)
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (EH)
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (GC)
- NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (HH)
- NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres II*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (OS)
- NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Trad. Fernando R, de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008. (FT)
- NIETZSCHE, F. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996. (CP)
- NIETZSCHE, F. Homero y la filología clásica. In NIETZSCHE, F. *Obras completas: Volumen II Escritos filológicos*. Trad. Luis Enrique Santiago Guervós. Madrid, Tecnos, 2017. p.219-231. (HFC)
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1993.
- GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. ¿Nietzsche contra Gadamer? La interpretación infinita. Conferencia pronunciada en Granada en el *Congreso Internacional sobre Gadamer: El legado de Gadamer*. Publicado en J.J. Acero y otros, *El legado de Gadamer*. Universidad de Granada, Granada, 2004, pp. 171-190. Disponível em <https://www.uma.es/gadamer/resources/nietz-gadamer-03.pdf>
- MACHADO, Roberto (org). *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MARTON, S. Ler Nietzsche como “nietzschiano”: questões de método. *Revista Discurso*, v.48, n.2, 2018, p.7-24.
- MEYER, Michel. *Questões de Retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad. Antonio Hall. Lisboa: Edições 70, 2007.
- NASSER, Eduardo. Nietzsche e a busca pelo leitor ideal. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, v.1,

n.35, 2014, p.33-56.

PREBISCH, Lucia Riossek. Interpretação: arbitrariedade ou probidade filológica? *Cadernos Nietzsche* 12 (2002), p. 91-110.

NOTA

- 1 Em carta a Carl von Gersdorff, seu amigo do colégio, datada de pouco antes de assumir a cátedra na Universidade da Basileia, Nietzsche escreveu: “É certo que a partir de agora faço parte do gênero dos filiteístas, do ‘homem especializado’, e é natural que uma ocupação diária uma concentração incessante do pensamento em certos conhecimentos e certos problemas entorpeçam um pouco a livre sensibilidade do espírito e ataquem, em suas raízes, o senso filosófico. Mas imagino que posso aceitar o perigo mais tranquilamente do que a maior parte dos filólogos: a seriedade filosófica está em mim enraizada muito profundamente” (apud DIAS, 1993, p. 28).
- 2 A frase de Sêneca, em *Ad Lucilium epistularium moralium libri XX, 108, 23* seria: “*philologia facta est quae philosophiae fuit*” (“a filologia chega a ser filosofia”) (HFC, p. 231).
- 3 Willamowitz Möllendorf, um grande filólogo, à época, criticou a obra por considerá-la “demasiado literária, demasiado imaginativa, não-científica e, sobretudo, não filológica” (DIAS, 1993, p. 38).
- 4 Já é possível ver aqui que, para Nietzsche, a filologia seria o primeiro momento de todo aquele que visasse à investigação, mas que haveria uma certa transdisciplinaridade, aliando-se à história, às ciências naturais e à arte e, sobretudo, submeter-se à visão de mundo filosófica, ou seja, a meta era a filosofia, tendo a filologia como método. No entanto, a crítica que Nietzsche faz à filologia como ciência, já significaria uma crítica à ciência, pois a filologia estava contaminada pelo ranço das velhas formas de fazer ciência e parece ser justamente isto o que Nietzsche considerava necessário mudar. Portanto, parece evidente que, embora os filólogos sejam os primeiros a defrontar-se com a acidez da verve nietzscheana, não serão os únicos nem os mais “violentamente” atingidos pelas críticas do filósofo, isto é, a filosofia, disciplina que Nietzsche procura aproximar da filologia, será, também, por conseguinte, alvo das críticas nietzschanas.
- 5 Paulo Cesar Souza, um dos tradutores brasileiros de Nietzsche, também acompanha essa ideia: “Nos países de cultura alemã, filólogo não era apenas o estudioso de línguas e textos escritos, mas aquele que, através destes, lida com as manifestações espirituais de um povo.” SOUZA, Paulo Cesar. Em nota de BM, p. 230.
- 6 Aqui, concordamos e assumimos a reflexão sobre o que é texto descrita por Prebisch (2002, p. 104), para ela, texto “é um momento dentro de um processo de compreensão, que exige a interpretação”. Para explicar isso, a autora compara com a experiência de professores com o texto. O texto é ponto de partida para comentários, explicações etc. Muitas vezes, os professores pedem que os alunos se limitem ao texto. O processo se dá a partir da leitura, passando pela compreensão e pela recriação interpretativa que, inclusive, pode ser “interpretações”, ainda que interpretações transgressoras estejam no âmbito da arte. Além disso, consideramos, juntamente com Guervós (2004), que só temos textos, isto é, interpretações, “na experiência que temos com o mundo apenas lemos textos. Os textos, por sua vez, são já interpretações de outros textos, de modo que nunca se pode chegar a um referente último” (GUERVÓS, 2004, p. 18).
- 7 É oportuno colocar que Nietzsche, em sua filosofia da maturidade, vai pensar como a tarefa do filósofo e da filosofia “criar valores”, nomear para criar novas coisas. Trata-se do “filósofo do futuro”.
- 8 O interessante de criar leitores fictícios seria tornar possível que eles viessem a existir. Acreditamos que no Prólogo de *Humano demasiado Humano*, há subsídios para sustentar essa ideia, ao pensar os espíritos livres, “filhos do amanhã, em carne e osso e palpáveis, e não apenas para mim, em forma de espectros e sombras de um eremita” (HH, Pr, §2, p. 9).
- 9 Passagem citada a partir da nota do tradutor Paulo Cesar Souza do *Ecce Homo*, p. 125.

10 Paulo Cesar Souza optou por traduzir Stücke (fragmento) por “pedaços” e Stückwerk (obra malfeita), por “obra aos pedaços”.